

Os signos do narcisismo estupro¹

Bibiana de Paula Friderichs²

Milena Griebler³

Universidade de Passo Fundo

Resumo: Realizamos um estudo da discursividade, em nível verbal e não verbal, da notícia “Quem pagou a fiança de Daniel Alves?”, publicada pela *Purepeople*. Esse objetivo geral, se articula a um problema: de que forma os mitos se revelam na construção do discurso sobre o estupro de mulheres? Para respondê-la nos ancoramos na semiologia Barthesiana, considerando as categorias Estereótipo (1984), Mito (2001) e Poder (1978). Por meio da insistência do mito da vacina, o discurso aponta para o comportamento narcísico do jogador, revelando o lugar de poder que celebridades e homens desfrutam no ambiente do social, mesmo em contextos controversos.

Palavras-chave: Discurso; Barthes; Poder; Futebol; Estupro.

INTRODUÇÃO

O objetivo da presente pesquisa, que aqui referendamos parcialmente, é a realizar um estudo da discursividade, em nível verbal e não verbal, de conteúdos noticiosos sobre estupro. Neste artigo, como amostra do esforço desta investigação, analisamos a notícia “Quem pagou a fiança de Daniel Alves? Globo se pronuncia após ser acusada de dar o dinheiro que tirou o jogador da cadeia”⁴, publicada pela *Purepeople*, portal brasileiro de informações sobre entretenimento. Esse objetivo geral, se articula a uma questão problema que, a partir do Princípio da Pertinência, orienta o desenvolvimento da investigação: de que forma os mitos se revelam na construção do discurso sobre o estupro de mulheres? Para respondê-la nos ancoramos, teórica e metodologicamente, na semiologia Barthesiana, considerando as categorias Estereótipo (Barthes, 1984), Mito (Barthes, 2001) e Poder (Barthes, 1978).

Daniel Alves foi acusado, julgado e preso pelo crime de estupro de uma jovem de 23 anos, ocorrido em dezembro de 2022, em uma boate em Barcelona, na Espanha. A prisão preventiva foi decretada logo após o início das investigações, e o caso ganhou ampla repercussão midiática devido à fama internacional do jogador. Em 2024, após a condenação,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT19SU,, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Professora Dr. do Curso de Jornalismo, da Universidade de Passo Fundo. E-mail: bibiana@upf.br

³ Acadêmica do 7º nível do Curso de Jornalismo, na Universidade de Passo Fundo. E-mail: 192563@upf.br

⁴

https://www.purepeople.com.br/noticia/quem-pagou-a-fianca-de-daniel-alves-condenado-por-estupro-globo-se-pronuncia-apos-acusacoes_a389936/1

ele foi libertado mediante o pagamento de uma fiança de 1 milhão de euros. A notícia analisada aborda justamente a polêmica em torno de quem teria financiado o valor da fiança.

A opção pelo *corpus* de análise, neste artigo, se deve a dois aspectos: 1) o aumento gradual e exponencial no consumo de conteúdos de entretenimento, que em 2024, no Brasil, atingiu um valor estimado de R\$ 108 bilhões, ou seja, quase 7% maior do que a do ano anterior; e 2) a produção de conteúdo dirigida ao público feminino, uma vez que o portal *Purepeople* (2024, s/p), em sua descrição, na seção “Quem somos”, estabelece que seu olhar está voltado para “mundo dos famosos, tendências de moda, beleza e *lifestyle*, com conteúdos inspiradores para todas as mulheres”. Esse conjunto de fatores, apontam para o desdobramento do problema central da pesquisa, em questões específicas, que no esforço final da investigação (mas não neste artigo), podem ser desenhados, como por exemplo, como se configuram os discursos sobre estupro em publicações dirigidas a mulheres?

Por ora, nos concentramos em apresentar a teoria e método semiológico, bem como a fundamentação das categorias de análise.

SEMIOLOGIA: UMA TEORIA E UM MÉTODO

A Semiologia, enquanto ciência geral dos signos, dedica-se a compreender como os homens dão sentido às coisas, ou o processo de significação da cultura. Essa ciência tem suas bases em Saussure - que apoiado nos pressupostos da Linguística, teorizou sobre a língua e a linguagem, como produtos da capacidade humana de criar signos e os arruma em um sistema -, no entanto foi rearranjada por Barthes (1978). Para além do pólo formal em torno do qual ela se originou, Barthes acredita que por meio de uma ciência da significação possamos compreender como a sociedade estrutura o real, na medida em que produz e reprisa sentidos em forma de Discursos, para organizar e compreender o mundo que o rodeia. Compreender o processo de produção de sentido, para o autor, é também fazer uma crítica, observando a manutenção dos estereótipos e os lugares de poder convertidos em narrativas que circulam pelo tecido social.

A Semiologia Barthesiana, então, além de teoria, também se configura em método, a partir do qual podemos realizar o estudo dos discursos e da semiose. “O que podemos fazer, explica Barthes (2001b), através do Princípio da Pertinência, é interrogar esses Discursos sobre as relações de sentido que possuem e sobre o jogo dialético que existe entre os signos que lá se encontram” (Friderichs, 2010, pg. 69). Este princípio pressupõe o recorte dos fatos

(discursos), a partir de um ponto de vista, sua descrição e, conseqüentemente, interpelação, diante de um conjunto de categorias ou marcadores conceituais, que tangibiliza a estrutura discursiva enquanto expressão social. Entre esses marcadores frequentemente encontramos questões sobre Poder, Cultura, Ideologia, Socioletos, Estereótipos e Mitos, todos rearranjados pelas reflexões barthesianas, que se inscrevem na estrutura dos discursos em circulação na sociedade. Neste pequeno ensaio, como parte de uma pesquisa mais abrangente, apresentaremos uma análise em torno das categorias Estereótipo e Mito.

Conforme o autor, o Estereótipo é constituído por uma necrose da linguagem, que o traveste de uma ideia próxima da verdade, mas de modo deformado e grave, imobilizando o sentido da fala. Sua presença de forma discursiva expressa a imposição de determinada ideologia.

[...] é a palavra repetida, fora de toda magia, de todo o entusiasmo, como se fosse natural, como se por milagre essa palavra que retorna fosse cada vez adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como uma imitação: palavra sem-cerimônia, que pretende a consistência e ignora sua própria insistência (BARTHES, 1974, p.57).

Essa imobilidade do sentido confundida com natureza, tão peculiar do Estereótipo, também pode ser chamada de mítica. No entanto, para além do rótulo produzido pelo estereótipo, o Mito amplia sua complexidade, e se transfigura na exposição do óbvio, por meio de um jogo de conotações. O Mito é uma fala despolitizada, apresentada de modo descontextualizado, que se concretiza na deformação do signo. No tecido texto, ele se materializa em figuras de linguagem conotativas e intersubjetivas. Barthes (2001) aponta para sete mitos discursivos: omissão da história (que elimina o contexto), identificação (figura do discurso que procura ignorar o outro e sua diferença), tautologia (solução mágica, escondida pela autoridade, para quem não encontra explicação), o ninismo (consiste em apontar dois caminhos e rejeitar ambos, favorecendo o continuísmo), a quantificação da qualidade (figura que justifica um pelo outro) e o mito da constatação (defende uma hierarquia inalterável das coisas e do mundo).

Na análise a seguir, observando a pertinência do nosso objeto e recorte de estudo, observamos como os estereótipos e os mitos, se configuram no discurso da notícia, e mais do que isso, que sentidos são possíveis diante deles.

ANÁLISE E RESULTADOS PARCIAIS

Considerando que, com este esforço pontual de pesquisa, desejamos responder de que forma os mitos se revelam na construção do discurso sobre o estupro de mulheres em revistas especializadas, e que estamos ancorados pela semiologia e pelo princípio da pertinência, cabe aqui, uma breve descrição da notícia sobre a qual nos debruçamos.

Com a manchete “Quem pagou a fiança de Daniel Alves? Globo se pronuncia após ser acusada de dar o dinheiro que tirou o jogador da cadeia”, o texto foi publicado pelo portal de notícias Purepeople em 1/4/2024, às 7h15 *am*, e é constituído de 7 parágrafos de informação, além de um carrossel de fotos. Se destacam também, no fluxo da leitura, peças publicitárias que interrompem o texto de quando em quando, frases do discurso convertidas em links, e um box final com informações sobre o jogador.

Após a manchete, encontramos uma foto, em estilo 3x4 de Daniel Alves, ao lado do ícone da Rede Globo, acompanhada da legenda “quem pagou a fiança de Daniel Alves? O texto que segue evidencia o pronunciamento da Globo após ser acusada e na sequência, a origem e os detalhes da acusação. São 4 parágrafos explicativos, que em geral atendem aos pressupostos do lead jornalístico, e da perspectiva do conteúdo, negam a participação da Globo na fiança. Por fim, antes do encerramento da notícia, intertítulo “Fiança de Daniel Alves pode ter sido para por ex-craque do Barcelona”, seguido de mais 3 parágrafos.

Considerando que o Discurso é a possibilidade de dizermos algo sobre alguma coisa para alguém, pontualmente acerca do recorte que fazemos aqui, perguntas particulares podem indiciar sentidos no caminho de compreensão desta discursividade: Por que há uma notícia de estupro numa publicação de entretenimento? Por que as repercussões de um crime podem ser inspiradoras para todas as mulheres? Por que um jogador de futebol figura num portal de celebridades, quando se trata de um esportista? Essas questões não encontram resposta apenas a partir da análise de discurso, mas parecem configurar-se de antemão em arautos dos sentidos possíveis diante da notícia.

A presença dos Estereótipos, sob esta perspectiva, segundo Barthes (1984) está a serviço da manutenção do Poder (da repetição de determinadas ideias), que inscreve no Discurso as relações sociais, edificando as articulações da linguagem para sua manutenção. Nesse sentido, encontramos 4 importantes ideias estereotipadas no texto: a do “homem acima da lei”, o do “farinha do mesmo saco”, o “de gênero e violência sexual”, o “da mídia senacionalista”.

O primeiro revela-se tanto no conjunto das imagens do jogador publicadas no carrossel, quando no trecho “fiança que tirou Daniel Alves da cadeia após a condenação por estupro” e “Memphis oferece suporte”, indiciado que o dinheiro, a fama e a camaradagem que existe entre os homens, os homens famosos, os homens ricos, e sobretudo, os jogadores de futebol, os colocam num lugar de proteção, livres, mesmo condenados. Aliás, são estas mesmas figuras languageiras que nos levam ao estereótipo do “farinha do mesmo saco”, especialmente se considerarmos a menção de que Depay teria ajudado outros atletas acusados ou condenados por crimes reforça o estereótipo de que há uma cultura de proteção mútua entre homens, mesmo diante de crimes graves: “Benjamin Mendy e Dani Alves também estiveram envolvidos em casos criminais, mas isso não significa que tenham deixado de ser meus amigos.”

O terceiro estereótipo, da mídia sensacionalista, é evidenciado pela sugestão de que a revista Quem teria pago a fiança em troca de uma entrevista exclusiva, explorando a ideia de que a mídia prioriza o lucro e a audiência acima da ética, e que esse comportamento é pertinente a chamada “imprensa marrom” ou ao “jornalismo de fofocas”.

Por fim, mas de relevante destaque, temos a redundância do estereótipo de gênero e violência sexual, indiciado pela liberdade de Daniel via fiança, minimizando a gravidade do seu crime, colocando em cheque a voz e lugar da mulher na sociedade, o que marca no tecido texto os lugares de Poder significados pela publicação, embora em uma revista nominalmente dirigida a “inspirar mulheres”: o lugar de poder dos homens, das celebridades, e da detração como recurso legítimo dos criminosos desse grupo.

Entretanto, mais do que estereótipo, a notícia se institui sobre figuras míticas, que inspiram as mulheres a permanecerem imóveis, já que não há solução aparente que as proteja ou empodere.

A manchete intitulada “Quem pagou a fiança de Daniel Alves? Globo se pronuncia após ser acusada de dar o dinheiro que tirou o jogador da cadeia”, adota uma abordagem que pode minimizar a seriedade do crime de estupro. Ao se concentrar na especulação sobre quem financiou a fiança do acusado, ela desvia a atenção do principal aspecto do caso: a violência sexual perpetrada contra uma jovem. Temos aqui o Mito da Vacina que, segundo Barthes (2001) se caracteriza pela exposição de um problema menor para disfarçar um problema essencial, imunizando, assim, o imaginário coletivo. Ainda, essa figura mítica é fortalecida

por outras, marcada pela ausência de informações sobre o crime em si, e as consequência de sua soltura, o Mito da Omissão da História.

O lugar de Daniel Alvez, homem, celebridade, também conota outro Mito, o Mito da Identificação. Conforme Barthes (2001), a identificação é uma figura do discurso que procura ignorar o outro e sua diferença. Assim, “os espetáculos, os tribunais locais, onde pode acontecer que o outro se exponha, transformam-se em espelhos” (p.172), ou alguém seguramente distante de mim, inalcançável, como um jogo de contrários que me protegem. Por um lado o jogador é um homem que joga futebol, como tantos, mas por outro, está num lugar inatingível, o de celebridade. Se eventualmente eu não o considerar como um igual, alguém em quem posso projetar a minha própria existência, posso o considerar alguém singular ou até extravagante, alguém que pode ser (sob a perspectiva daquilo que se justifica) protegido, beneficiado. Essa ideia é conota pela construção de uma imagem narcísica de Alves.

A foto escolhida para a matéria, é um recorte em 3x4 do momento da soltura de Daniel Alves, que ocorreu no dia 25/03/2024. Na ocasião, o ex-atleta saiu da prisão acompanhado de uma mulher, com a cabeça erguida, postura ereta e bem vestido, apresentando uma postura confiante, mesmo após a condenação por um crime tão grave como o estupro, o que pode ser relacionado ao narcisismo, um traço de personalidade caracterizado por uma autoimagem inflada, necessidade de admiração e falta de empatia. Seu comportamento é materializado através de sua postura física confiante e vestimenta elegante, e seu lugar fortalecido pela presença feminina ao seu lado. Observar-se a solidificação do estereótipo de masculinidade, onde o homem mantém uma narrativa de superioridade, controle sobre si mesmo e da situação, mesmo diante das consequências de suas ações. O que nos leva a crer que ele não possui consciência do crime que cometeu, não sente vergonha ao mostrar seu rosto limpo e traços firmes, exalando confiança. E é indiciamento deste sentido que nos leva, ainda, para outro Mito, o Mito da Constatação.

A postura de Memphis Depay, levanta preocupações sobre a falta de responsabilidade e sensibilidade em relação a crimes graves como tráfico de drogas e estupro. Ao oferecer apoio a colegas envolvidos em casos criminais, Depay parece minimizar a seriedade desses crimes, desconsiderando o impacto significativo que eles têm sobre as vítimas e a sociedade em geral. Esse padrão de comportamento pode perpetuar uma cultura de impunidade e falta de responsabilidade entre os atletas, minando os esforços para combater crimes graves e

proteger os vulneráveis. A narrativa produz assim a ideia de que nada pode ser feito, estupradores sempre saem impunes.

Como consideração final, podemos observar que o discurso evidencia, de modo invariável, a presença de estereótipos e de figuras de linguagem míticas que se interdizer: o primeiro anunciando sua chegada, o segundo a naturalizando. Merecem destaque o estereótipo do “homem acima da lei” e o “de gênero e violência sexual”, que associados aos Mitos da Vacina e da Constação, revelam o Poder na compleição de Alves. O discurso assim, desvia o foco da vítima e da responsabilidade do agressor, para indiciar o comportamento narcísico do jogador, revelando o lugar de destaque e superioridade que celebridades, mas sobretudo, que os homens, desfrutam no ambiente do social, mesmo em contextos controversos.

REFERÊNCIAS

PUREPEOPLE. *Quem pagou a fiança de Daniel Alves? Globo se pronuncia após acusações*. Rio de Janeiro: Purepeople, 2024. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/quem-pagou-a-fianca-de-daniel-alves-condenado-por-estupro-globo-se-pronuncia-apos-acusacoes_a389936/1. Acesso em: 9 maio 2025.

_____. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2001b.

_____. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FRIDERICH, Bibiana de Paula. Comunicação: discurso, fait divers e poder em O Nacional : uma abordagem dialética. 2010. 218 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.